

Pedras na areia. As indústrias líticas e o contexto horticultor do Holoceno Superior na região de Diamantina, Minas Gerais

Andrei Isnardis¹

¹ Arqueólogo (UFMG). Professor Adjunto do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFMG

Resumo As ocupações pré-coloniais recentes da região de Diamantina são apresentadas neste trabalho com base nas pesquisas desenvolvidas pelo Setor de Arqueologia do MHNJB da UFMG. A ênfase deste artigo recai sobre uma proposta interpretativa para os papéis dos sítios com abrigo no modo de se viver na Serra no Holoceno Superior, contexto em que há veementes vestígios de horticultura, um quadro de escassez geral de cerâmica e ausência de sítios semelhantes a aldeias. A partir daí, procuro tecer reflexões sobre o modo que convencionalmente se têm tratado as ocupações de horticultores do Cerrado na arqueologia brasileira.

Palavras-chave: Tecnologia lítica; Holoceno Superior; Serra do Espinhaço; Horticultores; Diamantina.

1. Introdução

Estamos vivendo um momento muito rico na Arqueologia Brasileira, que tem sido marcado, entre outras coisas, pela superação de certos preconceitos tradicionais acerca de determinados contextos. Novos ventos. Um desses preconceitos que estão sendo superados é a respeito das indústrias líticas de sociedades horticultoras e/ou ceramistas. Sempre figurando como “pobre” ou “simples” na bibliografia que deu início à descrição desses contextos, a indústria lítica que os integrava foi objeto de pouco investimento - em face também da riqueza analítica e, especialmente, das possibilidades classificatórias que a abundante cerâmica oferecia (DIAS Jr., 1969; CALDERÓN, 1969; CHMYZ, 1967). Essa constatação da simplicidade e do baixo potencial das indústrias líticas dos horticultores e ceramistas (repito: especialmente para comportar esquemas classificatórios), independentemente de quão acertada fosse, acabou por se impor como uma ideia de alcance amplo. De modo que muitos, ao se depararem com artefatos líticos sofisticados e/ou evidentemente diversificados, logo os associavam a contextos de caçadores-coletores. A custa de boa disposição, bastante trabalho e também de achados felizes, diversos contextos em que indústrias líticas mais “ricas” acompanham a cerâmica têm emergido e vêm sendo objeto de uma produção estimulante (VIANA, 2011; FERNANDES, 2011; RIBEIRO, LIMA ET AL., 2010), embora há muito tempo já se observem indústrias diversificadas nos contextos de horticultores e ceramistas (PROUS ET AL, 1994).

A região de Diamantina, generosa que sempre tem sido conosco, nos presenteou com um conjunto de sítios cujas superfícies e níveis estratigráficos superiores, guardando vestígios veementes de horticultura¹ e também conjuntos artefatuais líticos diversificados (incluindo artefatos plano-convexos). Esses mesmos níveis e superfícies, diferentemente do que costuma acontecer no Sertão, não nos têm oferecido cerâmica. Toda a cerâmica a princípio atribuível a contextos pré-coloniais que a equipe do Setor de Arqueologia da UFMG recolheu até hoje em Diamantina e arredores, caberia, sem malabarismos, dentro de uma caixa-arquivo padrão. A cerâmica que coletamos nos abrigos (fizemos coletas sistemáticas e/ou escavações e sondagens em 13 deles) cabe dentro de um prato de sopa.

Esse contexto peculiar é que me proponho a discutir neste trabalho. Procurarei apresentar-lhes uma síntese dos nossos resultados nas pesquisas com o período de ocupações pré-coloniais do Holoceno Superior e, a partir do contexto diamantinense, construir reflexões sobre como se têm explorado os contextos de sociedades de horticultores com base em determinados pressupostos a seu respeito, que não parecem corresponder às práticas dos horticultores histórica e etnograficamente conhecidos.

Alguns esclarecimentos são necessários de imediato. Primeiro: até o presente, a área de pesquisa do Setor de Arqueologia do MHNJB da UFMG na região de Diamantina é formada pelos municípios de Diamantina,

*e-mail: isnardis@gmail.com

¹ Para apresentação e discussão desses vestígios vide: Isnardis, 2009; Solari Et Al, 2012; Linke; Isnardis, 2013. Na região foram recuperados, em níveis arqueológicos do Holoceno Superior, espigas e fragmentos de espigas de milho (*Zea mays*), foi observada a presença de carbonos de tipo C4 (típico das Gramineae, entre as quais se encontra o milho) em ossos humanos (*Hermenegildo*, com. pes.) e prováveis (ainda não comprovados) fragmentos de raízes de mandioca (*Manihot esculenta*).

propriamente dita (apenas a porção meridional de seu extenso território), o Noroeste do município do Serro, o Norte do município de Gouveia, o Leste do município de Monjolos e o município de Datas. Esse é o território sobre o qual se construiu o trabalho que apresentarei aqui. As pesquisas do Laboratório de Arqueologia e Estudos da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Fagundes, também se desenvolvem na região de Diamantina, ainda que atualmente as pesquisas da UFVJM estejam priorizando áreas mais setentrionais em relação à área de pesquisa da UFMG (FAGUNDES ET AL., 2012). A região aqui delimitada foi também objeto de pesquisa da equipe do LAEP, o que nos tem permitido e demandado um diálogo mais direto e estreito (TAMEIRÃO, 2013; OLIVEIRA, 2012; LEITE, 2012). Segundo esclarecimento: quando digo neste texto “nosso” trabalho, “nossas” pesquisas, “nossas” intervenções, não é para ocultar-me num plural obscuro ou promover-me num plural majestático, mas sim, porque o ponto que estiver em questão, como a pesquisa como um todo, é trabalho de equipe. Equipe, em que me incluo, formada centralmente por Vanessa Linke, Ângelo Pessoa, Rafael Miranda, Luiza Câmpora e Rogério Tobias; outros também participaram ativamente, mesmo que com menor envolvimento, a maior parte deles integrantes da equipe do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, instituição à qual nossos trabalhos se vinculam, mas também amigos e pesquisadores de outras instituições. Os financiamentos para os trabalhos foram obtidos inicialmente junto à Missão Arqueológica Franco-Brasileira (Ministério de Assuntos Estrangeiros da França), até 2005, e pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), de 2006 a 2011; agora, a partir de 2013, é o CNPq quem financia os trabalhos.

2. A Serra e a areia

A região de Diamantina se deita sobre o que se tem chamado, na rica bibliografia geomorfológica a seu respeito, de Planalto Meridional do Espinhaço (SAADI, 1995), região de superfícies elevadas e parcialmente aplainadas, entremeada de grandes afloramentos quartzíticos e recoberta por diversas fitofisionomias do sempre surpreendente Cerrado - campo rupestre, campo limpo, parque cerrado, cerrado *stricto sensu*, cerradão (LINKE, 2008; SANO; ALMEIDA, 1998) - que ali se dispõem em forma de mosaico. As águas são abundantes, sua rede de drenagem é densa, vertendo para as bacias do Jequitinhonha, do São Francisco e do Doce. Do sítio do Garimpo do Turco, implantado a céu aberto num topo plano, próximo ao centro de nossa área de pesquisa, alguém munido de um bodeque - e com o mínimo de pontaria - é capaz de atirar pedras que cairão à beira de drenagens formadoras da bacia do Jequitinhonha e de drenagens formadoras da bacia do São Francisco. Embora, no esquema administrativo do estado de Minas Gerais, a área de pesquisa se inclua na região do Alto Jequitinhonha, ela, de fato, contém terras e águas das três bacias (a maioria dos sítios em que temos trabalhado se concentram na bacia do São Francisco).

No mosaico vegetacional a que me referi, em qualquer um dos sítios analisados, num raio de pouquíssimos quilômetros, é possível atingir diversas feições do Cerrado, o que, seguramente, implica em diversidade de recursos vegetais materiais e simbólicos.

A formação da Serra do Espinhaço produziu o mergulho para Leste das camadas sedimentares que constituíam sua rocha dominante, produzindo também seu metamorfismo, de modo que os afloramentos hoje quartzíticos apresentam inúmeros abrigos, que se abrem sob essas camadas mergulhadas e em fraturas nos afloramentos. Os abrigos são, além de numerosos, consideravelmente diversos em termos de profundidade, extensão e, sobretudo, implantação na paisagem. Os depósitos sedimentares dos abrigos, assim como os demais depósitos sedimentares da Serra, são majoritariamente arenosos.

O quartzito é a rocha regionalmente dominante, responsável pelos grandes e pequenos maciços que marcam a região. Apresentando-se com significativa diversidade, muitas de suas variedades são aproveitáveis para o lascamento, havendo algumas, muito homogêneas e compactas, que permitem técnicas refinadas de lascamento. Outra matéria-prima potencial, também muito recorrente na paisagem regional, são os cristais de quartzo, que ocorrem abundantemente em forma hialina, indo de poucos centímetros a decímetros de comprimento. Variedades de cristal de opacidade mediana, devido a irregularidades internas - que Prous e Lima (1986; 1990) denominam “translúcidas” - estão também presentes. O quartzo leitoso está amplamente disponível, em filões e em depósitos de seus fragmentos, por vezes bastante extensos. No cenário das ocupações pré-históricas recentes, a indústria lítica se estabelece quase inteiramente a partir dos quartzitos e do quartzo hialino, este em geral muito homogêneo, empregando em pequena quantidade os quartzos translúcidos e nunca o quartzo leitoso. Rochas metabásicas podem ser regionalmente encontradas em diques em meio ao quartzito; elas também figuram nos sítios, na forma de artefatos polidos, mas sua presença é modesta. Sílex e rochas afins, que parecem não estar disponíveis localmente, são muito escassas em contexto arqueológico, mas presentes.

3. Tocando a areia e as pedras

Nosso conhecimento atual sobre as ocupações pré-históricas recentes se construiu por meio de coletas sistemáticas em nove sítios e sondagens e escavações em seis desses e em quatro outros sítios - apenas um a céu aberto. Em todos os sítios, as escavações foram conduzidas por níveis naturais, com registro intensivo das estruturas e da distribuição dos vestígios. O conhecimento sobre as ocupações recentes também se fundamenta numa observação sistemática dos elementos naturais dos sítios e seu entorno, que foi construída com base na metodologia de Linke para a pesquisa a respeito dos grafismos rupestres regionais² (LINKE, 2008).

² Não temos elementos para relacionar as pinturas às ocupações do Holoceno Superior, mas a metodologia construída para estudá-las

As prospeções que conduziram à localização desses 13 e de outros 98 sítios priorizaram o caminhamento ao longo dos afloramentos rochosos em busca de abrigos com pinturas rupestres, materiais de superfície e pacotes sedimentares. A busca por sítios a céu aberto, até o momento, baseou-se em: a) caminhamentos em transectos associados aos caminhamentos junto a afloramentos; b) um levantamento amostral centrado em áreas planas em paleoterraços de cursos d'água de porte mediano e em campos amplos entre maciços; c) coleta de informações orais. Nesses levantamentos, apenas uma área com ocorrência de vestígios foi localizada, correspondendo a vestígios cerâmicos em posição evidentemente secundária (em praias do Ribeirão Areia, no município de Gouveia). Os demais sítios a céu aberto resultam de um achado fortuito e de indicações de moradores.

A investigação sistemática de subsuperfície em áreas dissociadas de abrigos foi realizada até o momento através de uma amostra reduzida, que não resultou na localização de vestígio algum.

A coleta de informações orais em diversas propriedades rurais e junto a moradores de não menos de oito localidades, entre vilas e povoados, nos apontou uma única ocorrência de material cerâmico, em São Gonçalo do Rio das Pedras, de que tratarei a diante. Não se ouvem, na região pesquisada, relatos de achamentos de “painéis de barro” em áreas a céu aberto, como é recorrente no interior do Brasil. A população local não mostra qualquer familiaridade com uma cerâmica atribuída a indígenas, enquanto são abundantes os achados de cachimbos cerâmicos e artefatos metálicos do “tempo dos escravos”. Relatos envolvendo cerâmicas falam de um pote encontrado em certa lapa ou num certo ponto de um determinado caminho; nesses casos, o “pote” é atribuído a personagens antigos, mas não indígenas. De todo modo, o contexto que recorrentemente se encontra Brasil adentro, com fragmentos concentrados ou dispersos em área aberta, não se verifica em Diamantina e arredores (a equipe do LAEP relata o mesmo tipo de experiências, conforme M. Fagundes). Os artefatos por nós entendidos como pré-coloniais que figuram nos relatos são peças líticas polidas, cujas descrições sugerem machados e mãos de pilão, encontrados nos garimpos, sem associação com cerâmica.

A região tem atividades agrícolas muito reduzidas, o que implicaria numa redução das possibilidades de encontros casuais de vestígios cerâmicos. Porém, a longa história de garimpos³ teria oferecido as oportunidades para se encontrar tais vestígios se eles fossem regionalmente abundantes.

Diante dessa combinação de elementos, creio que se pode afirmar que há uma acentuada escassez de vestígios cerâmicos na área de pesquisa.

sustenta em grande medida nosso modo de perceber a paisagem regional.

³ A região foi ocupada por frentes coloniais, no século XVIII, em função do garimpo de ouro e, sobretudo, de diamante. Operando em menor escala, o garimpo se estende até o presente, sendo alternativa de alta relevância para a vida da população rural. A partir da segunda metade do século XX, o garimpo de cristal tornou-se atividade importante, explorando alguns setores da paisagem distintos daqueles do garimpo de diamante.

No que se refere ao levantamento de sítios com áreas naturalmente abrigadas, procedemos, em todos, a uma descrição sistemática de sua morfologia e dos elementos de seu entorno, conforme os critérios estabelecidos por Linke (2008), de modo que dispomos para todos os sítios que localizamos, de uma caracterização de seus elementos topográficos internos e externos e de sua implantação na paisagem.

Outra variável foi considerada para a caracterização dos sítios: a disponibilidade de matéria-prima. Como tanto o quartzo quanto o quartzito são micro-regionalmente muito abundantes, amplamente distribuídos pela área de pesquisa, tornou-se irrealizável, no âmbito da pesquisa, um mapeamento exaustivo das ocorrências de quartzito (presente ali em numerosas variedades) e de quartzo. O que produzimos sistematicamente foi a comparação entre os materiais lascados encontrados em cada sítio e a ocorrência, no próprio sítio, das rochas empregadas. Ou seja, trabalhamos com a relação entre disponibilidade e o aproveitamento de matérias-primas em cada sítio (naqueles em que realizamos sondagens e/ou coletas de superfície).

Alguns abrigos apresentam, em suas paredes, em seus tetos e em blocos (ou plaquetas) sobre o chão, quartzitos de variedades muito aptas ao lascamento (compactos, muito homogêneos, de granulometria fina), enquanto outros apresentam apenas variedades de aptidão mediana (menos compactos, de granulometria mediana), embora aproveitáveis. Quanto à disponibilidade de quartzo nos próprios abrigos, apenas no caso da Lapa do Caboclo podemos constatar de fato a ocorrência do mineral dentro da área abrigada.

As análises dos vestígios líticos das ocupações pré-históricas recentes se aplicaram às coleções de 10 sítios, incluindo instrumentos e refugos. Os artefatos retocados foram objeto de análise individualizada, em que se procurou identificar as características do suporte, os ângulos e delineamentos dos gumes, as características dos retoques, a distribuição destes no suporte, o volume da peça e sua morfologia final. Os artefatos com trabalho de façongem foram ainda objeto de análise diacrítica pormenorizada. Os núcleos foram também analisados diacríticamente de forma individualizada; seu número, porém, é bastante restrito no total da coleção.

As lascas foram descritas por meio de um elenco de atributos, visando a uma análise quantitativa de suas características. Foram também objeto de análise qualitativa, que priorizou, em cada sítio, a identificação de categorias tecnológicas - lascas de retoque, lascas de façongem, lascas de adelgaçamento, lascas de debitagem - tendo em vista a comparação com os atributos dos núcleos e dos artefatos retocados identificados.

4. O que há nas areias

Os abrigos diamantinenses em que identificamos elementos das ocupações pré-históricas recentes apresentam em sua superfície e em suas camadas sedimentares superiores artefatos retocados variados, em quartzo e quartzito.

Em quartzito podem ser encontrados: plano-convexos sobre plaquetas, agrupáveis conforme diferenças de espessura do suporte e conforme a amplitude da superfície transformada na façongem; plaquetas delgadas com uma única série de retoques regulares, paralelos e semi-abruptos; plaquetas espessas com gume muito abrupto e robusto, produzido por retoques escalonados; artefatos sobre plaquetas muito delgadas (menos de 1 cm de espessura), com retoques paralelos e curtos, de gume semicircular e semi-abrupto; artefatos robustos de mais de um bordo abrupto ou semi-abrupto, retilíneo, produzida por retiradas invasivas e escamosas; e um único grupo de peças retocadas tendo lascas - e não plaquetas - como suporte, com gumes múltiplos, de delineamento e angulação diversos, produzidos sobre ambas as faces do suporte⁴. Outros artefatos em quartzito são também encontrados, mas sua frequência é muito baixa.



Figura 1. Artefato plano-convexo de superfície da Lapa de Moisés (Foto: A. Isnardis. Desenho: Ângelo Pessoa)

Os plano-convexos são bastante semelhantes àqueles que se distribuem amplamente pelo Brasil Central na transição entre o Pleistoceno e o Holoceno e no Holoceno Inferior. Tais artefatos foram eleitos como indicadores-chave da chamada Tradição Itaparica (SCHMITZ, 1980), que vem sendo objeto de qualificadas reavaliações críticas (FOGAÇA, 1995, 2001; BUENO, 2007; RODET,

⁴ Este grupo de peças se restringe a um único sítio entre os analisados.

DUARTE-TALIM; BASSI, 2011; FOGAÇA; LOURDEAU, 2008). Entre suas características marcantes e compartilhadas, os plano-convexos centro-brasileiros antigos têm o fato de serem produzidos sobre lascas e integrarem indústrias marcadas por um perceptível rigor no trato dos suportes e das relações entre morfologia do suporte e operações de façongem e retoque. Os plano-convexos recentes de Diamantina, distinguem-se daqueles centro-brasileiros antigos por algumas características, sobretudo a eleição de plaquetas como suporte e pelo fato de se integrarem a indústrias marcadas pela diversidade e pela ausência de rigor nas relações entre artefatos e seleção de suportes (ISNARDIS, 2009). A questão das similitudes e dessemelhanças entre os plano-convexos antigos e os diamantinenses recentes envolve outros aspectos - características de performance (SCHIFFER; SKIBO, 1997; BUENO, 2005) - como a reformabilidade, a multifuncionalidade e a portabilidade, que foram abordadas alhures (ISNARDIS, 2009) e em breve serão objeto de discussão mais detalhada. Fica aqui o destaque à questão, uma vez que a presença de plano-convexos é algo que desperta intensamente o interesse e as sensibilidades dos arqueólogos brasileiros e, sobretudo, porque sua associação com contextos de horticultores (ceramistas ou não) vem sendo objeto de questionamentos sistemáticos (VIANA, 2011; TAMEIRÃO, 2013). Nos sítios que analisamos em Diamantina, plano-convexos estão presentes, de forma marcante, nas ocupações pré-coloniais recentes.



Figura 2. À esquerda: perfil de artefato plano-convexo das lapas do Boi (dois primeiros) e do Caminho da Serra I; à direita: plaquetas com retoques simples e gumes denticulados, respectivamente da Lapa do Boi (dois primeiros) e da Lapa da Ciranda (Fotos: A. Isnardis.)

Em quartzo, a diversidade de artefatos é semelhante. Encontram-se artefatos sobre lasca, de gumes semicirculares produzidos por retoques paralelos muito regulares e semi-abruptos; artefatos sobre suportes diversos (lascas e cassons) com gumes retos, curtos e semi-abruptos, produzidos por retoques muito curtos; artefatos bifaciais de forma sub-retangular, sem simetria entre as faces, com retoques de curtos a invasivos em toda a periferia da peça; artefatos bifaciais com simetria entre as faces, mas sem transformação completa dessas, de contorno elíptico; artefatos de contorno triangular, delgados, com bico produzido por retoques curtos e abruptos, sobre lasca e sobre casson; artefatos sobre lasca de gume denticulado semi-abrupto, produzido por retoques paralelos pouco regulares.



Figura 3. À esquerda, artefatos de quartzo com gume semicircular do sítio Caminho da Serra I. À direita detalhe do gume da peça central (Fotos: A. Isnardis).

Em um dos abrigos, a Lapa do Caboclo, recuperamos vestígios vegetais abundantes, entre os quais figuram vegetais cultivados (seguramente o milho e, provavelmente, mandioca⁵). Nesse mesmo sítio em que os vegetais abundam, foram até o presente escavadas quatro estruturas funerárias, que correspondem a seis indivíduos, que recentemente foram objeto de análises de antropologia

⁵ As análises do material vegetal foram realizadas pela doutora Myrtle Shock, com a colaboração de Bernardo Fogli. Quanto à identificação da mandioca, uma amostra foi enviada para análise genética, a fim de confirmar a identificação morfológica.

física, empreendida pela Dra. Ana Solari (SOLARI, ISNARDIS; LINKE, 2012). Os remanescentes ósseos foram encontrados depositados no interior de estojos cilíndricos de casca de árvore, com notável grau de conservação, que permitiu a recuperação de penas, resinas recobrimo epífises, peças de couro que fechavam os cilindros (vide também Isnardis, 2009) e outros materiais orgânicos. A notável conservação dos materiais permitiu ainda evidenciar elementos de práticas funerárias raramente perceptíveis em contextos arqueológicos (SOLARI ET AL, 2012).

Com as descrições sistemáticas de artefatos e abrigos, foi possível correlacionar a ocorrência dos grupos de artefatos, a disponibilidade local de matérias-primas (e seu aproveitamento) e as morfologias e implantações dos abrigos. Tornaram-se evidentes, então, expressivas regularidades.

Ao procedermos ao cruzamento das informações sobre coleções e abrigos, pudemos desenhar um quadro que evidencia um esquema de gestão das matérias-primas e distribuição dos artefatos por abrigos com características específicas, delineando-se assim uma organização tecnológica e um modo de construção da paisagem envolvendo as indústrias líticas (e não apenas elas) do Holoceno Superior.

5. A (pouca) cerâmica

Nenhum dos locais em que localizamos cerâmica na área de pesquisa apresenta elementos que sugiram se tratar de sítios de habitação. Apresento aqui um conjunto de características do material cerâmico da área, produto de uma análise ainda muito preliminar.

A cerâmica até o momento encontrada nos sítios com abrigos corresponde a fragmentos reduzidos, inferiores a 5 x 5 cm, e que perfazem o modesto número de 13 fragmentos. Podem ser agrupadas em duas categorias, em função dos tratamentos de superfície. A primeira categoria, que corresponde à maioria das peças, provenientes de dois sítios com abrigo, apresenta-se alisada, sem engobo, variando sua cor de superfície de bege (quase branca) a marrom claro; não se distingue um núcleo escuro, sendo a pasta bastante compacta; o antiplástico é mineral, incluindo quartzo; apenas uma borda, direta e de lábio arredondado, foi encontrada. A segunda categoria de fragmentos pode corresponder a um só vasilhame, pois são muito homogêneos e provêm de um mesmo sítio. Trata-se de três cacos cuja superfície externa recebeu uma decoração unglada (ou pseudo-unglada, conforme Jácome et al., 2010), que recobre toda a (pequenina) superfície das peças recuperadas em nossas coletas de superfície. Também de tamanho diminuto (2 x 3 cm), os fragmentos não incluem bordas e sua espessura é de 0,5 cm. Neles, é muito nítido um núcleo não oxidado, que responde por cerca de 3/5 da espessura total dos fragmentos.

Se o segundo grupo de fragmentos apresenta características compatíveis com cerâmicas, em geral classificadas sob a categoria Tradição Tupiguarani em função, sobretudo, de sua decoração plástica, quanto ao primeiro grupo, não há nem mesmo elementos que possam sugerir sua afinidade com categorias classificatórias já

estabelecidas na bibliografia. Sua simplicidade e sua escassez, que não nos permitem acesso a suas formas, me levam a deixá-las desconectadas de quaisquer tradições ou fases, a fim de não direcionar prematuramente o entendimento desses materiais, tão escassos. Mesmo a afinidade dos fragmentos do segundo grupo com atributos recorrentes na Tradição Tupiguarani não me parece suficiente para uma atribuição, como não vejo, ademais, razões para impor a tão escassos elementos qualquer classificação pré-estabelecida. Acredito que não é nada produtivo recorrer a tais grandes categorias no contexto aqui em exame, sobretudo em função da gama de suposições e correlações que essas categorias trazem consigo.

A área a céu aberto com materiais cerâmicos localizada no município de Gouveia corresponde a praias do Ribeirão Areia, em que localizamos oito fragmentos, ao longo de aproximadamente 200 metros do curso d'água. Bastante erodidos, os fragmentos incluem duas bordas, indo de 5 x 7 cm até 7 x 10 cm. Dois deles sugerem recipientes fechados, semiglobulares, de borda extrovertida, mas não restrita, de diâmetro maior, inferior a 20 cm. Na maioria dos cacos, as superfícies originais se erodiram, mas, onde restam, indicam alisamento intenso (pode ser resultado dos processos tafonômicos). Prospecções, a partir das praias do ribeirão em que se encontrou o material, em direção a montante, não localizaram o local original de deposição e nem o sítio. Novos levantamentos e investigações de subsuperfície na área ainda aguardam sua implementação.



Figura 4. À esquerda, fragmento cerâmico de borda extrovertida em praia do Ribeirão Areia (Gouveia). À direita, fragmento de vasilha com decoração pintada de São Gonçalo do Rio das Pedras (Fotos: A. Isnardis e Alex Mendes)

Nesse quadro de escassez da cerâmica, um caso se destaca. Na vila de São Gonçalo do Rio das Pedras, no

município do Serro, próximo ao limite Leste da área de pesquisa, um achado fortuito, em função da abertura de uma fossa sanitária, pôs em evidência fragmentos de vasilhas cerâmicas abertas, com pintura bastante típica da tradição Tupiguarani, em muito bom estado de conservação. Nossos levantamentos no local, hoje área urbanizada da vila, não encontraram notícias de outros achados afins - a única história mencionada, inclusive pelos mais idosos, era o caso já referido - e não nos foi autorizado escavar na propriedade em que se encontrou a cerâmica. Além dos fragmentos cerâmicos, peças alongadas polidas em osso e em rocha básica foram também encontradas. Tal ocorrência, em que pesem as impossibilidades, ao menos por enquanto, de se investigar melhor a área, indicam uma ocupação que, esta sim, remete a cenários familiares ao conhecimento arqueológico tradicional sobre horticultores. Contudo, não apenas no entorno imediato do local da ocorrência, mas em todo o restante da vila e na área rural ao redor, não encontramos nenhum outro relato de ocorrência de sítios cerâmicos a céu aberto. A despeito da exuberante cerâmica pintada, em São Gonçalo repete-se o que observamos no restante da área de pesquisa: o desconhecimento, pela população local, de achados de cerâmica pré-colonial. São Gonçalo também não nos ofereceu ainda candidatos a aldeias.

6. Compreendendo as pedras e as areias

Diante desse conjunto de elementos, é possível definir quatro categorias de sítios com abrigo nesse contexto das ocupações pré-históricas recentes, a partir dos materiais líticos que eles apresentam, agregados a outros elementos.

A primeira categoria de sítios corresponde a parte dos abrigos de borda de campo. A expressão aqui designa, como alhores (ISNARDIS, 2009), os abrigos com piso regular plano, com sedimento entremeado por blocos, cujo acesso é fácil a partir dos campos que se estendem à sua frente e estão implantados no sopé dos afloramentos rochosos, nunca distantes mais de 150 metros dos cursos de água. A partir dos abrigos tem-se grande visibilidade do entorno e, desde o entorno, avistam-se tais abrigos a centenas de metros ou, em alguns casos, a vários quilômetros de distância. Nesses sítios, o material de superfície se distribui na área abrigada e na área regular diante do abrigo, em meio a blocos decimétricos ou métricos.

A primeira categoria de sítios é constituída pelos abrigos de borda de campo em que não estão naturalmente disponíveis as variedades finas de quartzito. Em tais sítios estão presentes artefatos simples⁶ em quartzito (plaquetas com seqüências simples de retoque; artefatos robustos de gumes abruptos) produzidos sobre o quartzito localmente

⁶ Faço aqui uma distinção entre artefatos retocados simples e complexos. Os primeiros são peças cuja transformação se restringe aos gumes, com uma seqüência única de retoques ou seqüências de retiradas semelhantes, que não envolvem façonagem; já os complexos correspondem àquelas peças que são objeto de retiradas que lhes transformam o volume (façonagem) e, após essas, retiradas que agem para delinear os gumes.

disponível, de qualidade mediana. Nesse mesmo quartzito estão presentes núcleos, lascas de debitage e lascas de retoque, porém estando essas três classes de vestígios sempre em número muito modesto. Nesta categoria de sítio, figuram também os artefatos complexos de quartzito, notadamente os plano-convexos sobre plaqueta, produzidos sobre variedades de matéria-prima de melhor qualidade, alóctones, em todos os casos. Não há nesses sítios refugio compatível com a produção dos plano-convexos, fato que, somado à ausência local das matérias-primas neles utilizadas, atestam que foram produzidos em outros espaços e transportados até ali. Também artefatos em quartzito, de morfologias variadas, integram as coleções dessa categoria de sítios, encontrando-se também refugio compatível com sua produção. Dentre o conjunto de sítios aqui em análise, integram esta primeira categoria as lapas do Boi, do Caminho da Serra, do Peixe Gordo, de Moisés e da Casa de Pedra Norte.



Figura 5. Abrigos de borda de campo: Lapa do Boi (à esq.) e Lapa da Chica (Foto: V. Linke)

A segunda categoria de sítios também corresponde a abrigos de borda de campo. Porém, trata-se de locais em que estão naturalmente disponíveis variedades de quartzito fino, muito aptas ao lascamento, presentes nas paredes e tetos e na forma de blocos e plaquetas caídos sobre o chão. Em linhas gerais, o mesmo elenco de artefatos de quartzito que caracteriza a primeira categoria de sítios pode ser encontrado neste segundo grupo, com a diferença marcante do fato dos artefatos complexos em quartzito terem sido

produzidos nas variedades locais dessa rocha e de haver, nestes sítios, presença de refugio compatível com essa produção. Não recuperamos artefatos em quartzito nos sítios desta categoria, outro elemento de distinção em relação à categoria anterior, embora um deles apresente um número expressivo de lascas de retoque desse mineral. Compõem esta categoria os sítios Lapa da Chica e Lapa da Bandalheira.

A terceira categoria de sítios conta com um único componente, dentre os sítios aqui analisados, a Lapa da Ciranda. Sua morfologia e implantação escapam radicalmente daquelas que caracterizam os abrigos de borda de campo, assim como seu conjunto artefactual. O sítio contém duas variedades de matéria-prima - quartzitos - muito favoráveis ao lascamento (compactas, homogêneas e de granulometria fina), disponíveis em dois pequenos abrigos distantes cerca de 40 metros um do outro, implantados num pequenino vale encaixado, cuja drenagem sazonal forma, no tempo das águas, uma pequena cachoeira a poucos metros da área de maior concentração de material. Os abrigos se abrem no meio da vertente rochosa meridional do vale, cuja feição é marcada por patamares rochosos irregulares e abruptos, entremeados por cascalho de quartzito de filão e blocos e plaquetas de quartzito, entre os quais vicejam as canelas-de-ema (*Velosiaceae*). O material, todo ele das variedades locais de quartzito, passa da área abrigada à área a céu aberto (sendo mais numeroso nesta do que naquela), esparramando-se sobre os patamares. Não há artefatos complexos em quartzito, mas há refugio de lascamento compatível com esses e com outros artefatos de quartzito, incluindo lascas de retoque e de façongem de plaquetas (com perfil curvo na porção distal, negativos paralelos na face externa, talão e extremidade distal apresentando as faces naturais da plaqueta, além de comprimento compatível com os plano-convexos presentes nos sítios de borda de campo). Alguns retocados simples sobre plaquetas foram encontrados - semelhantes àqueles presentes nas duas categorias anteriores -, mas nenhuma lasca ou artefato retocado de quartzito foi localizado nas coletas sistemáticas de superfície.



Figura 6. Lapa da Ciranda. O material lascado distribui-se sobre os patamares rochosos, majoritariamente fora da área abrigada (Foto: A. Isnardis)

A derradeira categoria de sítio, dentro do universo aqui considerado, também corresponde a um único caso, a Lapa do Caboclo. Trata-se de um abrigo de morfologia peculiar na área de pesquisa, apresentando uma conformação quadrangular, em contraste com a maioria dos abrigos regionais, que tendem a um desenvolvimento linear. Com a maior área abrigada dentre os casos aqui considerados, a Lapa do Caboclo se insere no terço médio de um afloramento rochoso e é acessível, desde o córrego Pé-de-Moleque que margeia esse maciço, por meio de uma seqüência de patamares rochosos largos, de pequena altura, povoados por orquídeas e outras espécies vegetais rupestres. Na proximidade imediata da área abrigada, depósitos de sedimento um pouco mais profundos favorecem a formação de uma mancha de cerrado denso, com algumas espécies arbóreas, que impedem a visualização da área abrigada para quem se aproxima. Não há campo no entorno do sítio, completando-se assim sua nítida distinção dos abrigos das duas primeiras categorias.



Figura 7. Lapa do Caboclo: vista da inserção do abrigo e vista parcial da área interna (fotos de A. Isnardis).

O Caboclo apresenta um elenco de materiais líticos - provenientes de 13 m² escavados, em quatro diferentes áreas do sítio - que, em certa medida, o aproxima dos sítios da primeira categoria, mas que, ao mesmo tempo, marca em relação a eles uma distinção. Ali estão presentes os mesmos tipos de artefatos de quartzo encontrados nos sítios da primeira categoria, além de lascas compatíveis com a sua produção. O quartzo está disponível no interstício das camadas quartzíticas no próprio abrigo, o que custou a destruição parcial de uma de suas paredes e duas áreas de escavação de seus pacotes sedimentares pelos garimpeiros

de cristal. Os artefatos de quartzito, por sua vez, são escassos: um único plano-convexo (cuja produção teve que contornar retiradas de façongem mal sucedidas) e poucas plaquetas com retoques simples, muito delgadas.

Consideremos então o conjunto dos elementos. Temos, na primeira categoria, sítios em que os artefatos simples foram produzidos com quartzitos locais, conforme atesta a disponibilidade de matéria-prima e o refugio presente. Tais peças teriam sido usadas e descartadas (ou abandonadas temporariamente) nesses sítios. Ainda nessa categoria de sítios, temos artefatos em quartzito complexos, que, produzidos em outros locais, foram conduzidos até ali, onde seriam utilizados e, então, abandonados. Este abandono pode corresponder a um descarte no local de uso - a favor desta hipótese depõe o fato de muitos estarem esgotados e/ou quebrados - ou a um abandono temporário, tendo em vista nova utilização posterior - depõem a favor os outros artefatos, não esgotados, nem quebrados, também presentes nos sítios. A baixa densidade de artefatos retocados nesta categoria de sítios sugere um uso pouco intenso e/ou pouca redundância na ocupação dos lugares. Cabe lembrar que as intervenções de subsuperfície, na maioria dos sítios, cobrem áreas muito pequenas e que a maioria dos artefatos coletados o foi em superfície, por meio de áreas amostrais, podendo, portanto, haver um número total de peças significativamente maior do que o número coletado. Por outro lado, a recorrência das morfologias, da tecnologia e das relações entre artefatos e variedades de matéria-prima indicam um uso muito semelhante de abrigos em condições semelhantes e apontam para uma categoria bastante legível de sítios. A diversidade de artefatos, somada à disponibilidade restrita de matérias-primas e à pouca densidade de retocados, sugere um local onde tarefas diversas foram realizadas, indicando, nessa medida, tratar-se de acampamentos temporários.

Na segunda categoria, a diversidade e a densidade de artefatos apontam para o mesmo perfil de acampamentos, porém a oferta local de matéria-prima e os refugos neles encontrados, colocam-nos em condição diferente. Tais sítios foram também local de extração de quartzitos finos e de produção dos artefatos retocados complexos. Os casos sugerem, inclusive, a possibilidade desta categoria ter fornecido parte dos artefatos encontrados nos sítios da primeira categoria. Alguns dos plano-convexos presentes na primeira categoria de sítios parecem elaborados com variedades de quartzito disponíveis nos abrigos da segunda categoria (em especial algumas peças da Lapa do Boi, feitas com uma variedade muitíssimo semelhante àquela disponível na Lapa da Bandalheira, estando os dois sítios distantes um do outro cerca de 1,5 km). O leque de atividades nos sítios deste segundo grupo seria, contudo, mais restrito, dada a ausência dos pequenos artefatos de quartzo.

A Lapa da Ciranda, constituinte da terceira categoria de sítios, apresenta coleções compatíveis com e complementares às coleções dos sítios da primeira categoria. Ela representa uma das fontes de quartzitos finos e apresenta os refugos de retoque e façongem nessas variedades de matéria-prima, enquanto os sítios do primeiro grupo apresentam os artefatos acabados. As variedades de

rocha disponíveis na Ciranda são semelhantes a algumas que se apresentam retocadas em sítios do primeiro grupo, mas estes apresentam variedades outras, cujas possíveis fontes e locais de extração não identificamos com clareza. A identificação não é inteiramente segura, para o que seria necessário uma análise petrográfica, mas as características macroscópicas são muito semelhantes. Porém, sobretudo, é a afinidade tecnológica o argumento mais substantivo de

que disponho para estabelecer a conexão, que, mais do que petrograficamente segura, é logicamente coerente, considerando-se a distribuição das matérias-primas, dos artefatos e dos refugos e seus atributos tecnológicos.

A FIG. 8 apresenta um diagrama que procura sintetizar os elementos da articulação entre as categorias de sítios.



Figura 8. Diagrama das categorias de sítio, elenco de artefatos e esquema de circulação dos artefatos plano-convexos.

7. Estendendo o olhar além da areia

O conhecimento que hoje temos das ocupações associadas à horticultura em Diamantina se configuram, pois, de uma maneira, digamos, pouco usual frente à bibliografia arqueológica brasileira. Faltam-nos as aldeias, escorrega de nós a cerâmica. Para além da medida em que isso decorre de questões dos métodos de prospecção que empregamos, temos uma perspectiva inicial sobre o modo de viver ali, no Holoceno Superior pré-colonial, que foi construída através de acampamentos temporários, oficinas de lascamento e/ou fontes de obtenção de rochas frágeis, bem como de um espaço funerário (que parece ter tido também outros usos).

Se não é usual, o caso diamantinense também não é incomum, pois conhecemos contextos em que o conhecimento sobre as ocupações ceramistas também resultam de estudos de sítios que não correspondem a aldeias, como é o caso dos sítios com a chamada tradição cerâmica Una, no Norte e no Noroeste de Minas Gerais - a diante este contexto será tomado para discussão.

Em Diamantina, nossas pesquisas vão se dirigir com o objetivo, entre outros, de buscar espaços a céu aberto que

possam corresponder a bases habitacionais⁷. Mas as características do contexto que construímos até aqui chamam a atenção para questões que considero relevantes para refletirmos sobre o modo como vimos tradicionalmente compreendendo e investigando os cenários arqueológicos de horticultores.

Uma noção não discutida e, ao mesmo tempo, bastante consolidada no pensamento arqueológico brasileiro é a vinculação da horticultura ao sedentarismo em aldeias. Procuram-se os sítios arqueológicos que correspondam a aldeias e pretende-se que sejam esses os sítios relevantes para a compreensão dos modos de vidas das populações horticultoras.

Se essa noção não é discutida, como a considero consolidada? Essa consolidação indiscutida se expressa pela ausência de questionamento em torno de outras categorias de sítio além das aldeias. Se os arqueólogos estivessem atentos à possibilidade dos modos de vida horticultores-ceramistas envolverem atividades relevantes realizadas fora da aldeia e, inclusive, períodos de vida não aldeã, eles deveriam, após décadas de levantamento de sítios ceramistas, se questionar sobre quais seriam os diferentes

⁷ Os barrancos do Ribeirão Areia e seus arredores serão objeto de levantamento para que se localize a área a partir da qual partem os fragmentos cerâmicos que encontramos em suas praias. Uma vez identificada essa área, pretendemos conduzir nela escavações.

sítios que essa vida “extra-aldeã” produziria e tecer considerações sobre seu reconhecimento arqueológico. Ou, em sentido inverso, dar maior atenção às diferentes formas e naturezas de sítios com cerâmica - e também sítios sem cerâmica, mas cronologicamente coerentes com eles - para pensar seus papéis nos sistemas de ocupação dos horticultores ceramistas. Mas na bibliografia arqueológica brasileira não se vê nem uma coisa, nem a outra (PROUS, 1992; DIAS Jr.; PANACHUK, 2008; ALBUQUERQUE, 2008; SCHMITZ ET AL., 1986; RIBEIRO, 2009). Os arqueólogos brasileiros não investem sistematicamente, ao se tratar de horticultores, em outros sítios que não os que se assemelham a aldeias ou a espaços funerários; e também não exploram sistematicamente a possibilidade de alguns sítios se articularem a contextos de horticultores simplesmente pelo fato deles não conterem cerâmica. Se assim o fazemos, é porque estamos supondo que se há horticultura, há de haver aldeias estáveis - ocupadas o ano todo, ainda que abandonadas com o passar de poucos anos -, cujos remanescentes arqueológicos não de conter os elementos de fato relevantes para se entender a vida de seus ocupantes; se há horticultura, há de haver cerâmica; e se há cerâmica, há de haver sempre cerâmica. Noutras palavras, estamos compreendendo o modo de vida das sociedades horticultores de modo muito simplificado.

A questão já foi anunciada (SCHMITZ, 1999; SCHMITZ, 2004; PROUS, 1999), mas essa anúncio não produziu muitos resultados. Uma coisa é se admitir, explicitamente, que a horticultura há de ter convivido com outros modos de se produzir/obter alimento (PROUS, 1992); outra coisa é considerar efetivamente o que isto significaria do ponto de vista arqueológico, melhor dizendo, o que isto resultaria em termos de registro arqueológico e como poderíamos investigar arqueologicamente o fenômeno.

Uma ressalva se poderia fazer de imediato na tentativa de justificar ou compreender a pouca visibilidade da questão na produção arqueológica brasileira. Poder-se-ia considerar que sítios que não correspondem a aldeias apresentariam baixa visibilidade arqueológica e, portanto, um potencial analítico reduzido, apresentando sérias dificuldades para serem interpretados e mutuamente diferenciados. Mas, antes de tudo, é preciso problematizar o cenário, perguntar a esses sítios a que poderiam eles corresponder, pois, o que se vê – e este é o ponto central do que quero dizer – é a ausência do questionamento.

Um exemplo de fenômeno que se relaciona a esta discussão é o caso da cerâmica Una dos abrigos mineiros. Diversos autores, após a proposição inicial dessa tradição (DIAS Jr, 1974), reconheceram fragmentos e vasos cerâmicos com características concordantes com as características definidoras dessa grande unidade classificatória em numerosos abrigos no Norte e no Nordeste de Minas Gerais (JOBIM, 2009; PROUS, CASTRO; LIMA, 1994; SENE, 2007; PROUS, 1992; SCHLOBACH; PROUS, 1997; PROUS, FOGAÇA e ALONSO, 1994). Já em seu clássico *Arqueologia Brasileira*, Prous sublinhava o fenômeno de que tal cerâmica era observada quase exclusivamente em abrigos e que isso deveria significar algo (PROUS, 1992). Lá se vão vinte

anos e a questão continua inexplorada. É notado, por mais de um autor, que, nas mesmas regiões em que a cerâmica dita Una é encontrada nos abrigos, a céu aberto encontram-se cerâmicas distintas, muitas vezes atribuídas a outra grande unidade classificatória, a tradição Aratu (JOBIM, 2009; PROUS ET AL, 1994) ou Aratu-Sapucaí.

O mesmo fenômeno parecia ter lugar na região de Pains e Arcos, na Província Cárstica do Alto São Francisco, no Sudoeste de Minas Gerais, onde cerâmicas atribuídas à tradição Una e à tradição Sapucaí eram encontradas. Gilmar Henriques Jr. (2007) se propôs a encarar o fenômeno, questionando-se se as duas unidades classificatórias não estariam compondo um mesmo conjunto integrado e internamente variado. Sua conclusão é a favor desta hipótese: Una e Sapucaí eram categorias que, naquele contexto, segregavam vestígios que, efetivamente, se integravam num mesmo sistema. O fato de, no Norte e no Noroeste de Minas, a cerâmica Una só ocorrer nos abrigos ainda não foi sistematicamente investigado considerando-se se tal cerâmica poderia corresponder a um conjunto específico de potes, com elementos técnicos peculiares, associados a locais com uma implantação específica na paisagem - as cavidades naturais -, em que teria lugar um elenco específico de atividades de que tais potes fariam parte. Poderia haver uma complementaridade entre esses sítios e essa cerâmica e sítios a céu aberto, com elementos cerâmicos distintos. A hipótese merece investigação. Por que tal hipótese demorou para se colocar e ainda resta sem teste? Creio que, em grande medida, pelo fato da perspectiva tradicional supor uma homogeneidade entre toda a cerâmica que uma mesma população produz (que impede a formulação de uma possível conexão entre cerâmicas diferentes!), cerâmica que apareceria igual a si mesma em todos os locais que uma data população ceramista ocupou. Outro ponto é a falta de investigação sobre modos de se articular sítios diferentes (com características diferentes), abrigos, aldeias e outros locais a céu aberto, a falta de investigação da integração (sistêmica) entre sítios. Vêm-se diferenças entre sítios a céu aberto e sítios em abrigo, no que se refere a seus conteúdos artefatuais (no caso, a diferença entre artefatos cerâmicos), e, em lugar de se perguntar sobre possíveis articulações como explicação para essa variabilidade, recorre-se a categorias classificatórias fundadas numa descrição dos artefatos fora de seu contexto, classificação essa que gera um isolamento dos sítios com conteúdos diferentes e remete seus conteúdos a grupos culturais distintos.

No caso da cerâmica dita Una, invertem-se os elementos que venho apontando, pois os sítios que não são aldeias saltam aos olhos, mas permanecem desconexos dos sítios a céu aberto. O que quero destacar é que os pressupostos tradicionais não instrumentalizam os arqueólogos para lidar com a sofisticação do modo de vida dos horticultores e ceramistas ameríndios.

O modelo de correspondência entre horticultura – cerâmica – aldeias perenemente ocupadas não é casual. Ele deriva, em parte, da falta de clareza conceitual ou da falta de questionamentos sistemáticos – etnograficamente informados ou não -, assim como deriva, nessa ausência de questionamento, do que resta: uma noção etnocêntrica de

que se dedicar à horticultura implicaria em permanecer todo o ano junto às roças, na aldeia. E nos sítios arqueológicos correspondentes a aldeias estariam os elementos econômica, social e culturalmente relevantes para o conhecimento dos horticultores. É necessário cuidar das roças, diria o “bom senso”, e isso demandaria que se estivesse o ano inteiro ao seu lado. O fato é que diversos são os casos etnográficos em que esse “bom senso” cai por terra. Assim é entre os Araweté (VIVEIROS DE CASTRO, 1992), que passam parte do ano na aldeia e parte do ano na mata, divididos em grupos menores; assim é entre os Parakanã (FAUSTO, 2001), que também passam meses na aldeia e meses na mata, estes em grupos menores; assim é entre os Mebêngôkre (os Kayapó), ao menos no caso dos subgrupos Put-Karot (Xikrin) e Metyktire, que tradicionalmente deslocavam-se em bloco – toda a aldeia unida – por uma sequência de acampamentos na mata (VIDAL, 1977; LEA, 2012), neles reproduzindo seu sistemático modo de distribuição das famílias pelo espaço; também os Bororo, notórios pela sua sofisticada organização social interna, deslocavam-se em bloco pelo seu território, passando períodos fora de suas aldeias (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962); e ainda os Xavante, que também se deslocavam em bloco, reproduzindo nos sítios temporários a organização espacial da aldeia (Mayburi-Lewis, apud FAUSTO, 2001).

Outro ponto que sustenta a perspectiva da vida aldeã perene é uma noção de que a adoção da horticultura se constituiria num processo revolucionário total, que modificaria em definitivo as práticas tradicionais precedentes, em função desse novo modo de produção. Haveria uma escolha, que implicaria numa grande diminuição, se não no abandono, do interesse pela mobilidade e pelos demais modos de obtenção de alimentos e de outros bens na mata (ou no cerrado, conforme o caso), numa diminuição do interesse pelos modos de sociabilidade não-aldeã. Tal processo pode ser uma boa forma de entender sociedades horticultoras ou, sobretudo, agricultoras de determinadas regiões do mundo, mas não me parece um referencial adequado ao contexto ameríndio. Esta perspectiva ignora o grande investimento simbólico que a caça (VIVEIROS DE CASTRO, 2006: 357) e a coleta de diversos elementos materiais não cultivados recebe nas sociedades ameríndias (VIDAL, 1977; FAUSTO, 2001; LIMA, 2005), como ignora também o “incômodo” ou um certo “cansaço” da vida aldeã que a etnologia assinala entre diversas sociedades, especial aquelas de falantes de idiomas da família lingüística Tupi-Guarani (FAUSTO, 2001; VIVEIROS DE CASTRO, 1992).

Essa perspectiva de uma vida aldeã perene há de trazer sérias dificuldades quando nos dedicarmos mais sistematicamente a entender os períodos em que a horticultura se difundiu - alguns pesquisadores que estão investindo em tais contextos já vêm chamando nossa atenção para a questão (SHOCK, 2010). Mas também quando observamos os estudos de contextos, na ausência de melhor expressão, plenamente horticultores, quando as tecnologias hortícolas não eram mais novidade, essas noções parecem inadequadas. E o parecem basicamente porque são redutoras das experiências ameríndias e estão fundadas em supostos importados de contextos asiáticos ou

européus, desconhecendo a grande riqueza de conhecimento etnológico produzido e à nossa disposição.

8. Derradeiras considerações e um convite

O que o caso de Diamantina me parece deixar claro é que há um amplo espectro de informações sobre o modo de vida dos horticultores, arqueologicamente abordável, que permite, de modo significativo, caracterizar comportamentos de vivência da paisagem. Comportamentos estes que podem ser, em tese, tão culturalmente relevantes quanto o modo de assentamento em aldeias. Os sítios de que se falou aqui não correspondem, certamente, a locais de habitação. Conforme já dito, se assemelham a acampamentos temporários e a locais de atividades específicas, como locais de obtenção de matéria-prima e fabricação de artefatos, além de um espaço funerário. Desempenham, portanto, papéis em geral pouco descritos para sítios de populações horticultoras.

É importante lembrar que o fato de conhecermos, em Diamantina, as atividades extra-aldeia associadas à horticultura não é resultado de termos buscado especificamente tal conhecimento. A pesquisa não partiu de uma reflexão crítica a respeito e, sim, conduziu a ela. Nosso conhecimento deriva do fato de termos buscado inicialmente os abrigos, com vistas aos grafismos rupestres, ao estabelecimento de uma cronologia regional inicial e às ocupações do Holoceno Médio. Os abrigos, que julgávamos nosso objeto, fizeram-se sujeitos e puseram diante de nós ricas ocupações do Holoceno Superior e nada do Holoceno Médio⁸. E nossas buscas de outros sítios, desvinculados de áreas abrigadas, não deram ainda frutos que correspondessem às expectativas convencionais para contextos com horticultura. Nossa escolha, portanto, foi construir conexões entre esses sítios com áreas abrigadas, dentro da riqueza oferecida. O caso de Diamantina provocou, assim, esta reflexão, por parecer dissonante com a bibliografia sobre o Holoceno Superior no Brasil Central e Sudeste.

Para ocupar lugar de uma conclusão, faço aqui um convite. Convido o leitor a participar da construção de um entendimento dos modos de vida das sociedades ameríndias pré-coloniais horticultoras que se interesse, de modo mais amplo do que se tem feito até o momento, pelos diversos lugares que guardam vestígios materiais das atividades desses horticultores. Um modo que contemple, em suas construções interpretativas, uma gama variada de espaços, a nós acessíveis como sítios arqueológicos, que se interrelacionam ao integrarem modos de construção ou vivência da paisagem; um modo que almeje uma aproximação à complexidade que as sociedades etnologicamente conhecidas apresentam.

8 Para uma reconstrução crítica dos caminhos de nossas pesquisas, vide Link e Isnardis (2013), assim como Isnardis (2009).

REFERÊNCIAS

- [1] ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. **Enciclopédia Bororo**. v. 1. Campo Grande: Instituto de Pesquisas Etnográficas, 1962.
- [2] ALBUQUERQUE, M. Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no Nordeste Brasileiro. IN: PROUS, A. ; LIMA, T. A. **Os Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, p. 67-90, 2008.
- [3] BUENO, L. **Variabilidade tecnológica nos sítios líticos do Lajeado, médio rio Tocantins**.
- [4] CALDERÓN, V. Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste de Bahia. **PRONAPA, Resultados Preliminares do 2o ano, 1966-67**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, n. 10, p. 135-147, 1969
- [5] CHMYZ, I. . **Dados parciais sobre a arqueologia do vale do rio Paranapanema**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, v. 6, p. 59-73, 1967.
- [6] DIAS Jr., O. Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. **PRONAPA, Resultados Preliminares do 2o ano, 1966-67**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 10, p. 119-129, 1969.
- [7] _____. Evolução da cultura em Minas Gerais e Rio de Janeiro. **Anuário de Divulgação Científica**. Goiânia, n.3/4, p. 110-130, 1976/77.
- [8] _____. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais. **PRONAPA, Resultados Preliminares do 5o ano, 1969-70**. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 26, p.105-116, 1974.
- [9] DIAS Jr., O; PANACHUK, L. Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil. IN: PROUS, A. ; LIMA, T. A. **Os Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: Sigma, p. 91-116, 2008.
- [10] FAGUNDES, M.; LARA, L. ; LEITE, V. **Paisagem cultural da área arqueológica de Serra Negra, Vale do Araçuaí-MG: os sítios do complexo arqueológico Campo das Flores, municípios de Senador Modestino Gonçalves e Itamarandiba**. Tarairiú, Campina Grande, vol. 1, n. 5, p 1-27, 2012.
- [11] FAUSTO, C. **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EdUSP, 2001.
- [12] FERNANDES, L. **Elementos de lâminas de machado lascadas de sítios Aratu na Bahia**. Habitus, Goiânia, v. 9, n. 2. p. 239-257, 2011.
- [13] FOGAÇA, E. **Mãos para o Pensamento**. A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000 / 10.500 B.P.). Tese de doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.
- [14] _____. **A Tradição Itaparica e as indústrias líticas pré-cerâmicas da Lapa do Boquete (M.G. – Brasil)**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, n. 5, p. 145-158, 1995.
- [15] FOGAÇA, E.; LOURDEAU, A. **Fundamentos. São Raimundo Nonato: FUNDHAM**. v. 7, p. 260-347, 2008.
- [16] HENRIQUES Jr., G. **Arqueologia Regional da Província Cárstica do Alto São Francisco: um estudo das tradições ceramistas Una e Sapucaí**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- [17] ISNARDIS, A. **Entre as Pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Suplemento 10. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- [18] JOBIM, P. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, v. 19, p. 441-467, 2009.
- [19] LEA, V. **Riquezas Intangíveis de Pessoas Partíveis**. Os Mebêngôkre (Kayapó) do Brasil Central. São Paulo: EdUSP, 2012.
- [20] LEITE, V. **Estudo Diacrônico-Estilístico da Arte Rupestre do Sítio Itanguá 06, Complexo Arqueológico Campo das Flores, Vale do Araçuaí, Minas Gerais**. Monografia de graduação. Diamantina: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2012
- [21] LIMA, T. S. **Um peixe olhou pra mim: povo Yudjá e a perspectiva**. São Paulo: Ed. UNESP. 2005.
- [22] LINKE, V. **Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – Minas Gerais**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- [23] LINKE, V.; ISNARDIS, A. **Arqueologia Pré-Histórica da região de Diamantina. Arquivos do Museu de História Natural**, v. 21, n. 1, p. 27- 57, 2013.
- [24] OLIVEIRA, E. **Categorias Estilísticas da Arte Rupestre do Sítio Mendes I, Diamantina, Minas Gerais**. Monografia de graduação. Diamantina: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2012.

- [25] PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed UnB, 1992.
- [26] PROUS, A. Os horticultores de Minas Gerais. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Arqueologia da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 345-358, 1999.
- [27] PROUS, A.; FOGAÇA, E. ; ALONSO, M. As últimas indústrias líticas do vale do Peruaçu, MG. **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 8, p. 49-49, 1994.
- [28] PROUS, A.; CASTRO, M. E. B. ; ALONSO, M. As ocupações ceramistas no Vale do Rio Peruaçu. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 4, p. 71-94, 1994.
- [29] PROUS, A.; LIMA, M. A. A tecnologia da debitagem do quartzo no centro de Minas Gerais: lascamento bipolar. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**. Belo Horizonte, v. 11, p. 91-114. 1986/90.
- [30] RIBEIRO, L.; LIMA, Â.; SOUZA, L.; JÁCOME, C. Os Tupi-guarani do sul do Espírito Santo usavam muito a pedra, além do barro - a indústria lítica na pré-história tardia (e depois). In: MORALES, W. F. ; MOI, F. P. (Org.). **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo: ANNABLUME. p. 151-187, 2010
- [31] RIBEIRO, P. M. A Ocupação da Planície Costeira Central do Rio Grande do Sul por Fases da Tradição Tupiguarani. In: MEGGERS, B. (org.) **Arqueologia Interpretativa**. O Método Quantitativo para Estabelecimento de Sequências Cerâmicas: Estudos de Caso. Porto Nacional: UNITINS, p. 35-48, 2009.
- [32] RODET, M. J.; DUARTE-TALIM, D. ; BASSI, L. F. **Reflexões sobre as primeiras populações do Brasil Central**: “Tradição Itaparica”. *Habitus*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 81-100, 2011.
- [33] SAADI, A. A Geomorfologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais e de suas margens. **Geonomos**, Belo Horizonte, n. 3, v.1, p. 41-63, 1995.
- [34] SANO, S. M. ; ALMEIDA, S. **Cerrado – ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA, 1998.
- [35] SCHIFFER, M. ; SKIBO, J. The explanation of artifact variability. **American Antiquity**, n. 62, v.1, p. 27-50, 1997.
- [36] SCHLOBACH, M. ;PROUS, A. Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, v.7, p. 3-21, 1997.
- [37] SCHMITZ, P. I. A evolução da cultura no sudoeste de Goiás. **Pesquisas, série Antropologia**, São Leopoldo, n. 31, p.185-226, 1980.
- [38] _____. Caçadores e Coletores do Brasil Central. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 89-100, 1999.
- [39] SCHMITZ, P. I. et al. Serranópolis III – **Arqueologia nos cerrados do Brasil Central**. *Pesquisas, Antropologia*, n° 60. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2004.
- [40] SCHMITZ, P. I. et al. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1986.
- [41] SENE, G. M. **Indicadores de Gênero na Pré-História Brasileira**: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, Minas Gerais. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- [42] SHOCK, M. **Hunter-gatherer plant use and foraging choice: a test from Minas Gerais, Brazil**. PhD Thesis. Santa Barbara: University of California, 2010
- [43] SOLARI, A.; ISNARDIS, A. ;LINKE, V. **Entre cascas e couros**: os sepultamentos secundários da Lapa do Caboclo (Diamantina, Minas Gerais). *Habitus*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 115-134, 2012.
- [44] TAMEIRÃO, J. **Além das Pedras**. Uma abordagem tecnológica do conjunto artefactual do sítio arqueológico Mendes II - Diamantina - MG. Monografia de graduação. Diamantina: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, 2013.
- [45] VIANA, S. Instrumentos fora de seus contextos de produção: instrumentos líticos plano-convexos oriundos de sítios lito-cerâmicos do estado de Mato Grosso. **Habitus**, Goiânia, n. 9, v. 1, p.101-131, 2011.
- [46] VIDAL, L. **Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1977.
- [47] VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté, o povo do Ipixuna**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.
- [48] _____. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac; Naify, 2006.

Stones in the Sand. The lithic Industries and Horticulturist Context of Late Holocene in the Region of Diamantina, Minas Gerais

Andrei Isnardis¹

¹ Archaeologist. Professor at UFMG

Abstract This paper presents the later pre-colonial occupations in the Diamantina region (North-Center of Minas Gerais state, central Brazil), based on UFMG researches. The focus here is on interpretative proposal for roles played by rockshelter sites in the regional occupation system in the Upper Holocene, when there are clear remains of domesticated plants use, but few ceramic remains and no habitation sites. Then, I make some considerations about how the Brazilian Archaeology usually think about horticulturalists archaeological sites in central Brazil.

Key-words: Lithic technology; Upper Holocene; Serra do Espinhaço; Horticulture; Diamantina

Informações sobre o autor

Andrei Isnardis (UFMG)

Endereço para correspondência: Rua Gustavo da Silveira, 1.035, Santa Inês. Belo Horizonte, MG. Brasil. CEP 31080-010.

E-mail: isnardis@gmail.com

Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9841324893773561>

Artigo Recebido em: 29-10-2013

Artigo Aprovado em: 04-12-2013